



## **A LITERATURA INDÍGENA SOB AS LENTES DA FENOMENOLOGIA**

GT 4: EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

**Trabalho completo**

Elesandra Rosa de Souza Cesário

(Discente do Mestrado Profissional em Educação/UEMS)

elesandra.elpidio@gmail.com

Léia Teixeira Lacerda.

(Docente do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação/UEMS)

[leia@uems.br](mailto:leia@uems.br)

### **RESUMO**

Neste artigo apresentamos — parte de uma pesquisa em andamento desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul que busca evidenciar a relevância da literatura indígena por meio da perspectiva fenomenologia, descrevendo as contribuições dos conhecimentos ancestrais presentes nos textos míticos que frequentemente exploram o mito da origem do mundo, e a interação entre o mundo material e espiritual. Também apresentamos dados da fenomenologia a partir das contribuições de Edmund Husserl, que possibilita analisar como as narrativas mitológicas expressam as histórias, e também a compreensão entre a natureza e a existência humana.

Palavras-chaves: Leitura. Literatura indígena. Fenomenologia.

### **1 Introdução**

A fenomenologia, enfatiza a importância da experiência direta e imediata do sujeito no mundo, pois busca compreender como os seres humanos percebem e dão significado às suas vivências, destacando a subjetividade e a intencionalidade, considerando a maneira que interpretamos o mundo e o que o constituem ao nosso redor. Logo, a perspectiva fenomenológica nos permite analisar como os mitos indígenas com suas narrativas diversificadas, desvelam as experiências ancestrais, expressam suas visões de mundo e também a relação que estabelecem com a natureza.

Desta forma, a da literatura produzida pelos autores/as indígenas expressam não apenas a resistência contra a opressão colonial, mas também a resiliência cultural e a busca por justiça e reconhecimento de suas histórias e culturas. Assim, por meio de suas produções literárias, produzem obras que visibilizam a sua diversidade cultural, ocultada pela ordem discursiva da colonização e que ainda são refletidas no tempo atual com estereótipos e preconceitos em relação às culturas indígenas no âmbito social, tendo em vista que também repercute nos espaços educacionais.

Na literatura brasileira, os indígenas já haviam ocupado um lugar de destaque, em obras como as de Gonçalves Dias e de José de Alencar, no século XIX, as de Lima Barreto, no início do século XX, entre outras. Na maioria das vezes, estas estiveram marcadas por estereótipos de toda sorte e veicularam ideias preconceituosas a respeito de quem foram/são os índios das Américas. Ora a figura do índio foi romantizada, ora associadas à defesa intransigente da ecologia, ainda, índios foram apresentados como indivíduos desprovidos de cultura (Silva, 2018, p.115).

A figura de homens e mulheres indígena estão presentes no âmbito literário brasileiro, no entanto, ao longo dos séculos suas imagens eram e/ou são representadas de forma dissociada de suas crenças e modos de ser e viver.

Ainda é possível afirmar que um ensino literário que apresenta os povos originários impregnado do espírito colonial, ou muitas vezes livros compostos por coletâneas de lendas e narrativas do folclore brasileiro, que por sua vez não apresentam as informações sobre sua origem étnica descrevendo assim, ainda a figura do indígena como um corpo do passado.

Assim, oportunizar a leitura das culturas e histórias dos povos originários no contexto educacional, sobretudo para crianças pequenas, favorece o entendimento dos seus modos de ser e viver com a possibilidade de evitar situações de preconceitos e exclusão, como passou Daniel Munduruku na sua infância, “quando eu era pequeno, não gostava de ser “índio”. (2019, p.6). Também ressalta seus motivos para esconder sua identidade.

Todo mundo dizia que índio é um habitante da selva, da mata e que parece muito com os animais. Tinha gente que dizia que o índio é preguiçoso, traiçoeiro, canibal. Eu ouvia isso dos meus colegas de escola e sentia muita raiva deles porque eu sabia que isso não era verdade. Mas não tinha como fazê-los entender que a vida que o meu povo vivia era apenas diferente da vida da cidade. E isso me fazia sofrer bastante, até porque o fato de ter cara de índio, cabelo de índio, pele de índio, não me permitia negar a minha própria identidade e meus amigos faziam questão de colocar-me de lado nas brincadeiras, como se eu fosse um monstro. Isso durou bastante tempo e foi tão difícil aceitar minha própria condição que eu cheguei a desejar não ter nascido índio. Foi meu avô quem me ajudou a superar essas dificuldades. Ele me mostrou a beleza de ser o que eu era. Foi ele quem me disse um dia que eu deveria mostrar para as pessoas da cidade essa beleza e a riqueza que os povos indígenas representam para a sociedade brasileira (Munduruku, 2019, p.6).

Dessa perspectiva, os saberes ancestrais são tão importantes, quanto a iniciativa da formação continuada de professores/as, preparando-os para levar essa cultura de forma fundamentada para dentro das salas de aula, buscando assim contribuir com a construção de um currículo mais abrangente, que incorpore a diversidade cultural existente na formação do povo brasileiro.

Portanto, compreender a literatura indígena por meio de uma lente fenomenológica, é uma possibilidade de quebrar esses estereótipos ainda enraizados em nossa sociedade, pois não basta ter conhecimento da existência dos povos originários, mas entender a relação que têm com suas ontologias, cosmovisões e territórios.

Além disso, a leitura das obras literárias produzidas por autores/as indígenas nos possibilita, compreender as suas vozes, o conhecimento e a compreensão das vivências de suas etnias que podem ser representadas por meio de narrativas que ensinam valores e tradições, que fortalecem a identidade dos povos indígenas, reafirmando sua continuidade histórica.

## **2 A Fenomenologia**

Cerbone (2012, p.16) registra que “a fenomenologia tem seu início com Edmund Husserl (1859-1938), mas de modo algum termina com ele”. Logo outros autores e filósofos como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, são figuras importantes na escola fenomenológica, mas com influência de Husserl, seguiram outras vertentes, ou aprofundaram ainda mais as questões fenomenológicas. No entanto, buscamos evidenciar como os conceitos fenomenológicos, segundo a visão husserliana nos possibilita refletir, sobre as textualidades indígenas na matriz curricular e desvelar novas lentes em relação à formação social brasileira, bem como constituir em sala de aula um espaço de reflexão e formação, no que se refere ao respeito, à diversidade e a garantia de acesso e permanência de diferentes sujeitos na escola, para levá-las a compreender e valorizar as experiências ao conviver com o Outro, durante as relações de alteridade.

A fenomenologia é uma perspectiva filosófica que se dedica ao estudo da consciência e dos fenômenos, que aparecem no decorrer da experiência. Husserl com a fenomenologia busca ajustar os conceitos filosóficos entre o sujeito e o objeto, construindo uma ponte entre os atos relacionais e intencionais, pois não se separa sujeito e objeto.



Dessa forma, Cerbone (2012, p.20) afirma que a “fenomenologia está precisamente ocupada com os modos pelos quais as coisas aparecem ou se manifestem para nós, com a forma e estrutura da manifestação”. O que nos leva a descrever e analisar as experiências, as vivências tal como elas são vividas, sem pressupostos teóricos e suspendendo as expectativas prévias das coisas, e conseqüentemente, compreendendo a essência das experiências subjetivas e como os objetos se apresentam à consciência.

A perspectiva fenomenológica busca a essência do fenômeno, que segundo Martins (1990- p.141) “é, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga”. Assim a proposta de Husserl com a fenomenologia é uma oposição ao positivismo e as ciências naturais, pois lança um olhar para o humano e não para a técnica ou para a ciência, ou seja, preocupa-se com a experiência humana, as vivências e sua relação entre o fenômeno e o pesquisador.

A fenomenologia, como uma disciplina cujos “objetos” são precisamente fenômenos conscientes, admite um nível de certeza diferente do tipo que é alcançável dentro das ciências naturais. As ciências naturais procedem pela coleta de dados, propondo hipóteses que explicam os dados, concebendo testes para as hipóteses propostas, e assim por diante. Desse modo, as ciências naturais trabalham indo para além do que é dado na experiência, sempre procurando por leis e princípios que possuam uma relação explanatória com os objetos e processos que são observados (Cerbone. 2012, p.38-39).

Dentro do caminhar fenomenológico, Lima (2014, p.11) também afirma que “a fenomenologia se constitui como “ciência das essências” e não de dados de fato”. Então compreender essas essências que atravessam os fenômenos são atitudes fenomenológicas, pois:

A fenomenologia procura examinar a experiência humana de forma rigorosa, como uma ciência descritiva. Desta maneira, a reflexão se faz necessária a fim de tornar possível observar as coisas tal como elas se manifestam e descrevê-las. É a investigação daquilo que é genuinamente possível de ser descoberto e que está potencialmente presente, mas que nem sempre é visto através de procedimentos próprios e adequados. É o encontro com as coisas mesmas (Lima-2014, p.12-13).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a fenomenologia elege como objeto a experiência vivencial, ou seja, como os indivíduos se relacionam com o mundo vivido ao seu redor. Também oportuniza realizar uma descrição do percurso das experiências, por meio de um entrelaçamento entre sujeito e objeto.



### 3 A Literatura indígena e fenomenologia

As obras literárias produzidas por autores/as indígenas revelam a conexão profunda com a origem da ancestralidade dos povos indígenas, bem como a íntima relação entre a natureza e a espiritualidade. Dessa maneira a perspectiva fenomenológica entra em cena para nos ajudar a entender como essa relação é vivenciada e reproduzida entre as gerações por meio da oralidade que oportuniza o/a leitor/a experienciar esse contexto da linguagem literária, com livros, que captura não só a beleza e riqueza do ambiente, como também nos revela o significado espiritual e cultural existente pelas etnias indígenas.

Com o aporte teórico da fenomenologia, podemos explicar também como as narrativas dos textos míticos lidam com o tempo, a memória e a ancestralidade, que são entrelaçados entre o passado, presente e o futuro, pois os eventos passados continuam influenciando o tempo presente dos povos originários e o contexto social. Como afirma Ailton Krenak à Lucas Weber ao ser entrevistado na Rádio Brasil de Fato, quando questionado sobre a literatura indígena que, “Ainda tem muito tempo pela frente. Aliás, o Millôr Fernandes falava que o Brasil tem um passado enorme pela frente”.

Segundo Husserl (2012, p.20) salienta que “a fenomenologia está precisamente ocupada com os modos pelos quais as coisas aparecem ou se manifesta para nós, com a forma e estrutura da manifestação”. Assim, busco evidenciar essa manifestação e o poder da ancestralidade, o respeito e a admiração das crianças e dos jovens com os mais velhos de suas etnias. Ao mesmo tempo, ressaltar a literatura indígena produzida por autores/as indígena, como uma linha de pensamento pela cultura da paz, respeito e igualdade comum a todos, pois:

O respeito à diversidade cultural por parte da sociedade brasileira é condição essencial para a sobrevivência e a cidadania dos povos indígenas, que representam um rico patrimônio sociocultural do país. Conhecer, preservar e respeitar as histórias e as culturas indígenas deve fazer parte da formação de todo cidadão brasileiro (Silva, 2018, p.152)

Ainda segundo Silva (2018, p.122), “a literatura no ensino de história e culturas indígenas pode ser importante aliada de professores e alunos na transversalização de conteúdos sobre a temática”. Por isso, selecionar e privilegiar a utilização de obras indígenas no contexto escolar de preferência com autores indígenas, enfatiza mais a existência dessa cultura no território brasileiro, um bom exemplo é a obra do autor Daniel Munduruku, (2011) em “Como Surgiu: mitos indígenas brasileiros”. Nessa obra o autor apresenta os mitos de

várias etnias brasileiras e ao final de cada texto mítico, analisa a situação atual dos povos originários, os conflitos, os dados demográficos aproximados de cada população e também a sua localização geográfica e territorial.

Assim, ao reconhecer e valorizar a riqueza das textualidades indígenas em uma perspectiva fenomenológica é possível apresentar uma contribuição relevante para a compreensão e o respeito das culturas dos povos indígenas. Elaborar uma análise da literatura indígena sob as lentes da fenomenologia, possibilita aos/às professores/as estimularem as crianças para ter o prazer com a leitura com novas narrativas, como se constitui para cada grupo étnico a constituição dos mitos, das experiências vividas para a cultura indígena buscando promover a interação entre as crianças indígenas e não indígenas.

Pela descrição dos mitos indígenas, é possível perceber a relação com a explicação do surgimento de cada etnia indígena, pois os diferentes mitos, demonstram de maneira particular a descrição de fenômenos, no que se refere ao surgimento da criação do mundo.

Dessa forma, vejamos a seguir um mito indígena, com o propósito de revelar a diversidade cultural existente entre os povos originários com uma visão particular vivenciada pelo povo Munduruku, que narra o mito de surgimento do mundo e também a criação dos animais, com a sua descrição particular o olhar ancestral com a intencionalidade de demonstrar seus saberes para explicar o mundo que os rodeia.

O escritor Daniel Munduruku em sua obra *Contos Indígenas Brasileiro*, ressalta a experiência de seus ancestrais por meio da literatura (2005, p.12) iniciando o mito assim “contam nossos avós que foi assim que Karú-Sakaibê transformou a grande nação Munduruku num povo forte, valente e poderoso [...]”. Nessa obra, realiza várias descrições mitológicas de outras etnias, demonstrando que a cultura indígena não é homogeneia, não há um padrão para todos os grupos, mas há uma grande diversidade cultural e linguística que permite cada etnia interpretar o mundo pelas suas lentes com histórias passadas de geração a geração por meio da oralidade.

Desse modo, cada povo possui seus mitos que se constituem pelas suas visões e perspectivas, com personagens cheios de mistérios, seres encantados, espíritos do bem e do mal, que demonstram a memória ancestral de seu povo e ao mesmo tempo revela o sentido da vida, em uma engrenagem constante, entre o homem e seus semelhantes e de maneira cíclica a relação entre o homem e a natureza.

No mito “*Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima*”, revela Munduruku (2005) porque seu povo é visto como fortes guerreiros e como essa visão se constituiu a partir de um mito que se materializa com o herói e criador da etnia Munduruku “Karú-Sakaibê” (2055, p. 9) Nesta obra o autor afirma que “no antigo tempo da criação do mundo com toda sua beleza, os Munduruku viviam dispersos, sem unidade e guerreando entre si”.

Então, presenciando toda aquela situação inadequada com seu povo Karú-Sakaibê, resolveu demonstrar como havia criado o mundo com pessoas que saíram do fundo da Terra para unificá-los. Logo, saiu pelo mundo com seu fiel amigo Rairu, que por sua vez, era um sujeito muito brincalhão, gosta de desenhar e usar a imaginação, foi assim que ele criou o tatu. Mas, após dar vida ao tatu, sua mão ficou presa no rabo do tatu, direcionando-o cada vez mais para o fundo da Terra, mas, chegando ao centro da Terra, encontrou várias pessoas, uma diferente da outra, com características diversas: bonitas, feias, más e boas.

Assim, o Karú-Sakaibê encontrou uma maneira de trazer aquelas pessoas para à superfície da terra. Buscou dar oportunidades para todas as pessoas, as bonitas, as feias, os preguiçosos e os trabalhadores. No entanto, nem todas conseguiram chegar ao final, restando uma maioria de feios e preguiçosos, mas o criador começou a separar essa gente. Os preguiçosos, por fim se tornaram pássaros, borboletas e em outros animais da floresta, pois não queriam trabalhar. Já os outros trabalhadores, ele disse: “- Vocês serão o começo, o princípio de novos tempos e seus filhos e os filhos de seus filhos serão valentes e fortes.” (Munduruku, 2005, p.12).

Como podemos perceber, o mito *Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima*, o autor enfatiza a conexão profunda com a natureza e com entidades espirituais para explicar sua existência e a forma de como podemos ver o mundo por meio de outras lentes, que nos oportuniza constatar que o ser humano é diversificado, conforme Daniel Munduruku nos ensina “só respeita o outro quem conhece o outro” (2019, p.7). Assim, a literatura indígena tem o desafio de revitalizar e preservar as tradições culturais dos povos originários e ultrapassar barreiras fronteiriças para assim, alcançar o pensamento e as ações do Outro, bem como desconstruir a ordem discursiva de estereótipos e discriminações, ainda muito presente na sociedade brasileira.

Os textos míticos repercutem uma narrativa de um povo que vive e sente a necessidade de ressignificar sua cultura, abrindo portas e janelas para revelar a sua identidade e espírito resistente contra o opressor, o preconceito e a exclusão de seus saberes.



Os povos indígenas têm uma tradição de linguagem e comunicação riquíssima estruturada na oralidade, incluindo os mitos e suas lendas, que refletem a diversidade cultural existente em suas culturas. Autores contemporâneos como Daniel Munduruku e Ailton Krenak, exploram essa oralidade passada de geração em geração, tendo em vista que produzem obras que divulgam uma ordem discursiva de resistências que se contrapõe ao colonialismo, pois promovem os saberes ancestrais, com soberania cultural capaz de fazer o/a leitor/a refletir sobre sua própria existência e também a relação que estabelecem com o ambiente com destaque para os elementos da natureza e o seu Outro.

Dessa forma, é possível identificar que os/as autores/as indígenas em suas obras, recuperam e divulgam os saberes tradicionais por meio das histórias que escrevem, aspectos que contribuem para sensibilizar uma legião de pessoas que passam a se comportar de maneira respeitosa com suas culturas.

#### **4 Conclusão**

A aproximação da perspectiva fenomenológica com a literatura indígena oferece uma lente poderosa para entender não apenas as histórias contadas, mas também as formas como essas histórias são vivenciadas e valorizadas pelas comunidades indígenas e não indígenas. Oferece também uma rica reflexão para entender as experiências vividas por crianças indígenas e não indígenas das narrativas, apresentadas nos textos com efeitos duradouros que os textos míticos têm na vida e nas visões de mundo dos/as escritores/as apresentadas aos/às leitores/as.

Assim, com a conexão entre a fenomenologia e as textualidades indígenas, é possível promover um envolvimento mais profundo e consciente da experiência literária, como uma maneira de enriquecer a trajetória leitora das crianças, pois a leitura se constitui em uma ferramenta valiosa para conhecer, explorar e apreciar a riqueza dessas culturas, tão diversas e existentes no Brasil.

Esse movimento pode ser implementado nas escolas indígenas e não indígenas, por meio das rodas de leitura e rodas de conversas que propiciam uma abordagem sensível e reflexiva que valoriza as experiências, considerando as perspectivas das comunidades indígenas, contribuindo para a preservação, o respeito e a valorização dos saberes ancestrais em um mundo cada vez mais globalizado.





## Referências

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Cesár Souza. Petrópolis. RJ. Vozes, 2012. (Série Pensamentos Modernos).

KRENAK, Ailton. **Rádio Brasil de Fato**. Entrevista exclusiva do autor para a Rádio Brasil de Fato, 'Acabou o céu azul, a gente conseguiu cobrir o país com fuligem'. 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/09/11/ailton-krenak-acabou-o-ceu-azul-a-gente-conseguiu-cobrir-o-pais-com-fuligem>>. Acesso em: 18 de set. 2024.

LIMA, Antonio Marçal. org. **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, 124. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/pcd44/pdf/lima-9788574554440.pdf>. Acesso em: 29 set. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. 2. Ed. São Paulo: Global, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil**. 3.ed. ver. Atual. São Paulo: Callis, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Como surgiu: Mitos indígenas brasileiros**. 1. Ed. São Paulo: Callis, 2011.

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, CA. **A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações**. Rev. Esc. Enf. USP, São Paulo, 24(1):139-147, abr. 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2024.

SILVA, Giovani José.; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da **Histórias e culturas indígenas na Educação Básica**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, (coleção Práticas Docentes), 2018.